



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS – BACHARELADO

Cristiane Aparecida Lissak

Estudo de Caso de Experiências com a Escrita de Sinais na Atuação da Interpretação em Libras

Santa Rosa/RS

2018

Cristiane Aparecida Lissak

Estudo de Caso de Experiências com a Escrita de Sinais na Atuação da Interpretação em Libras

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a conclusão do curso de Graduação Bacharelado em Letras Libras.

Professora Orientadora: Dra. Débora Campos Wanderley

Santa Rosa/RS

2018

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus pelos quatro anos de estudo em Letras Libras. Para participar de cada aula, foram percorridos 400 km, de São Miguel do Oeste – SC até Santa Rosa – RS. Nesse trajeto, sempre pude contar com o apoio de várias pessoas, em especial meus irmãos, Cleberson e Anderson Lissak, que foram os motoristas e motivadores para que eu continuasse.

Agradeço também aos meus pais, Deversino e Vilma Lissak, por serem a nossa base e o alicerce da família. Aos amigos, Delcimar, Laura, Marilene, Ilvanes, Claudia, Irma, Leonice, Natali, Emanuelle, Aline, Scarlet, Claudia e os demais amigos da graduação, seja da Licenciatura ou do Bacharelado Letras Libras do polo de Santa Rosa/RS. De forma singela, o agradecimento às tutoras Catia, Suzi e Catia, que sempre nos motivaram e desejavam “Boa viagem! Ficom com Deus!”. (*Choro de agradecimento*).

Um agradecimento especial a minha orientadora, professora Dra. Débora Campos Wanderley Débora, por ajudar-me nessa caminhada de construção do presente TCC, pela troca de saberes e pela paciência e incentivo dispensados. Eterno agradecimento, professora Débora. E, através dela, a todos os nossos mestres do curso de Letras Libras da UFSC, pela contribuição no processo de aprendizagem e aperfeiçoamento do nosso conhecimento sobre a Linguística da Libras, os conceitos de tradução e a interpretação da Libras. Serei uma eterna aprendiz dos saberes de todos.

RESUMO

O presente projeto é um estudo de caso de experiências com a Escrita de Sinais na atuação da tradução e interpretação em Libras. A problemática indaga como a Escrita de Sinais pode contribuir para o profissional tradutor e intérprete de Libras. A hipótese propõe que a Escrita de Sinais é uma ferramenta que contribui na marcação e memorização de sinais, melhorando o desempenho do tradutor e do intérprete de Libras. Assim, o objetivo geral, atrela-se a investigação das anotações em Escrita de Sinais em materiais impressos da Língua Portuguesa, os quais foram traduzidos e interpretados para Libras, a fim de verificar se contribuem à lembrança do sinal e assimilação do contexto do assunto. Os objetivos específicos são: definir Escrita de Sinais e Língua de Sinais a fim de estabelecer as diferenças e semelhanças entre elas, identificando os aspectos em que a Escrita de Sinais pode influenciar na interpretação; reconhecer os saberes e práticas do Intérprete de Libras para verificar o papel de atuação como mediador linguístico-cultural; analisar os materiais impressos da Língua Portuguesa que estão grifados em Escrita de Sinais, que foram utilizados em tradução e interpretação na Libras, a fim de evidenciar a relevância da Escrita de Sinais para a construção de glossários para registro desses sinais, contribuindo para surdos e ouvintes, principalmente para a profissão de Intérprete de Libras. A metodologia do projeto é estudo de caso de caráter qualitativo. As primeiras ações foram de estudo bibliográfico, buscando alcançar os objetivos geral e específicos. Na sequência, partiu-se para a pesquisa aplicada, a fim de resolver o problema e verificar a confirmação ou não da hipótese de que a Escrita de Sinais pode contribuir para o profissional na atuação da Tradução e Interpretação de Libras.

Palavras-chave: Libras; Escrita de Sinais; Tradutor e Interpretador de Libras.

ABSTRACT

The present project is a case study of experiences with Sign Writing in the performance of translation and interpretation in Libras. The problematic asks how the Sign Writing can contribute to the professional translator and interpreter of Libras. The hypothesis proposes that the Sign Writing is a tool that contributes to the marking and memorization of signals, improving the performance of the translator and the interpreter of Libras. Thus, the general objective is the investigation of the notes on Sign Writing in printed materials of the Portuguese Language, which have been translated and interpreted for Libras, in order to verify if they contribute to the remembrance of the sign and assimilation of the context of the subject. The specific objectives are: to define Signal Writing and Sign Language in order to establish the differences and similarities between them, identifying the aspects in which Signal Writing can influence interpretation; recognize the knowledge and practices of the Interpreter of Libras to verify the role of acting as linguistic-cultural mediator; to analyze the printed materials of the Portuguese Language that are written in Signs Writing, which were used in translation and interpretation in Libras, in order to highlight the relevance of Sign Writing for the construction of glossaries to record these signs, contributing to the deaf and hearing , mainly for the profession of Interpreter of Libras. The project methodology is a qualitative case study. The first actions were of bibliographic study, seeking to achieve the general and specific objectives. We then proceeded to the applied research in order to solve the problem and verify the confirmation or not of the hypothesis that the Writing of Signs can contribute to the professional in the performance of the Translation and Interpretation of Libras.

Keywords: Libras; Sign Writing; translator and interpreter of Libras.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Alfabeto Manual Atual.....	12
Figura 2 – Grafemas de orientação das mãos.....	15
Figura 3 – Grafemas de orientação das mãos.....	15
Figura 4 – Grafemas de orientação das mãos.....	16
Figura 5 – Grafemas de orientação das mãos.....	16
Figura 6 – Configurações de mãos.....	17
Figura 7 – Movimentos.....	18
Figura 8 – Movimentos.....	19
Figura 9 – Movimentos.....	19
Figura 10 – Símbolos de pontuações.....	21
Figura 11 – Expressão facial: sobrancelhas.....	22
Figura 12 – Expressão facial: boca.....	22
Figura 13 – Expressão facial: dentes.....	22
Figura 14 – Expressão facial: língua.....	23
Figura 15 – Expressão facial: bochecha.....	24
Figura 16 – Expressão facial: olhos.....	25
Figura 17 – Expressão facial: olhar.....	25
Figura 18 – Expressão facial: olhar.....	26
Figura 19 – Expressão facial: nariz.....	26
Figura 20 – Expressão facial: outro.....	27
Figura 21 – Espaço: plano diagonal.....	27
Figura 22 – Novas flechas de movimento.....	27
Figura 23 – Novas flechas de movimento.....	29
Figura 24 – Em relação ao corpo.....	29
Figura 25 – Ombros e cintura.....	30
Figura 26 – Posição da cabeça.....	30
Figura 27 - Os grafemas em sinais.....	36
Figura 28 - Os grafemas em sinais: admirável, homenagem e referência.....	36
Figura 29 - Os grafemas em sinais: resumo e artigo.....	36
Figura 30 – Grafemas das palavras <i>Word</i> , <i>Power Point</i> e <i>Google Drive</i>	37
Figura 31 – Grafemas das palavras sistema, Fernando Capovilla e arquivo.....	38
Figura 32 – Grafemas das palavras projeto, aplicativos, <i>Windows</i>	38
Figura 33 – Sinal grafado de sistema.....	40
Figura 34 – Sinal grafado admirável.....	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 REVISÃO DE LITERATURA.....	8
1.1 Introdução.....	8
1.2 Primeiros registros dos surdos	8
1.3 Congresso de Milão.....	10
1.4 Contexto Brasileiro	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 Introdução.....	13
2.2 Língua Brasileira de Sinais	13
2.3 Escrita de Sinais – <i>SignWriting</i>	14
2.4 Relação da Língua e Escrita de Sinais	31
2.5 Tradutor de Libras.....	31
2.6 Intérprete de Libras	32
2.7 Habilidades, saberes e práticas dos profissionais	33
3.1 Desenvolvimento	355
3.2 Metodologia e materiais pesquisados.....	355
4 ANÁLISE DE DADOS.....	42
CONCLUSÃO.....	435
REFERÊNCIAS	446
ANEXOS.....	48

INTRODUÇÃO

Ao longo da história humana, o uso da Escrita foi evoluindo, considerando-se os primeiros registros humanos, cujos desenhos simbólicos representavam animais, pessoas, sol, fogo, entre outros. Os registros da evolução da humanidade na Escrita carregam consigo a cultura e identidade de um povo, pois cada povo tem características próprias de comunicação. A partir desse aspecto da Escrita, a dançarina canadense Valerie Sutton criou a *SignWriting* ou Escrita de Sinais. Com esse sistema, demonstrou os sinais expressos no papel, respeitando as regras gramaticais da Língua de Sinais.

No Brasil, a Escrita de Sinais foi introduzida no ano 1996, pelos docentes Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa, Márcia Campos, na PUC-RS, e Marianne Rossi Stumpf, que foi a primeira surda a utilizar a Escrita de Sinais.

Após duas décadas, a Escrita de Sinais é um material impresso que poucas pessoas utilizam no cotidiano. Nesse sentido, este trabalho propõe-se a evidenciar como o material pode auxiliar o Tradutor e o Intérprete no cotidiano de atuação.

No cotidiano do Intérprete, os assuntos que são interpretados são multidisciplinares, contribuindo para o ensino e aprendizagem do discente. O planejamento junto com o docente titular da disciplina é essencial para o intérprete, permitindo-lhe fazer as escolhas lexicais durante a mediação linguística da Língua de Sinais. Nesse contexto, defende-se que o material de apoio impresso da Escrita de Sinais pode contribuir na marcação dos sinais que o intérprete irá usar na mediação e também no uso de novos sinais durante as aulas, palestras, seminários entre outros locais.

Na atuação do tradutor, os assuntos também são multidisciplinares, a base da tradução são textos escritos, sendo mediados da Língua Fonte para a Língua Alvo na oralidade, sinalizado e escrito na Língua Alvo. Na tradução, o entendimento da gramática da Língua Alvo e o trabalho em equipe são essenciais, porém, na Libras, a marcação dos grafemas de sinais torna-se mais uma ferramenta de uso na marcação e memorização do léxico adequado na tradução.

Sobre esse aspecto, é importante destacar que a fonologia na Língua de Sinais é o estudo mínimo dos sinais, em que “as características das línguas de sinais são preservadas e os parâmetros fonológicos e sintáticos são descritos fielmente” (BARRETO & BARRETO, 2012, p. 77). Dessa forma, faz-se o uso da gramática na expressão facial, no movimento, na direção da mão (com a cor preta e branca), localização, configuração de mão. No nível morfológico,

tem-se a combinação das unidades e, no nível sintático, o uso do espaço para a produção de sentidos coesos no texto.

Portanto, para a atuação do Tradutor e Intérprete de Libras, a Escrita de Sinais pode contribuir na memorização do sinal e da gramática da Língua de Sinais (L2), além de ser um material fácil para a anotação do sinal e não precisar de tecnologia e construção de glossário. Assim, o Intérprete, no final de cada disciplina, terá um glossário na Língua de Sinais, um material impresso que pode ser utilizado na turma seguinte, consultado e disponibilizado aos surdos e ouvintes. Na tradução, também terá um glossário de cada texto.

1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Introdução

Esta revisão de literatura aborda o contexto histórico das pessoas surdas, as quais lutaram e ainda lutam por uma comunicação visual, direitos humanos, capacidade racional e liberdade de escolha. Entre os fatos que marcam, destaca-se o marco mundial no contexto educacional dos Surdos – o Congresso de Milão –, o ensino para surdos no Brasil e a Língua Brasileira de Sinais – Libras.

1.2 Primeiros registros dos surdos

As sociedades, ao longo da história humana, excluíam aquele indivíduo considerado “diferente”, termo definido pelo dicionário Priberam como “mão semelhante; em que se nota diferença. = DESIGUAL, MUDADO, VARIADO”, designando padrões de pessoas normais e civilizadas, modelos físico e mental, vestimentas, modelos educacionais, de trabalho, de conduta social, entre outros, construindo assim um modelo linear humano.

O processo histórico das pessoas surdas confirma essa exclusão, como aponta a autora Goldfeld:

A ideia que a sociedade fazia sobre os surdos, no decorrer da história, geralmente apresentava apenas aspectos negativos. Na antiguidade, os surdos foram percebidos de formas variadas: com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas, e por isso eram abandonadas ou sacrificadas. (GOLDFELD, 1997, p. 24).

A surdez, no período da antiguidade, era vista como castigo dos deuses ou feitiço, o que levava as pessoas surdas a serem sacrificadas ou abandonadas. Também nesse período, os chineses lançavam os deficientes ou surdos no mar. Em Esparta, eram lançados do alto de rochas.

Com a concepção de que as pessoas surdas eram primitivas, sendo incapazes de herdarem propriedades, casarem-se, terem filhos, não deveriam ser educadas, entendimento que persistiu até o século XVI.

A utilização de sinais e linguagem escrita iniciou, na Itália, com o professor italiano Girolamo Cardano. Na Espanha, o professor Pedro Ponce de Leon ensinou quatro pessoas surdas a falarem grego, latim e italiano, e também compreensão de astronomia e física.

Ponce de Leon desenvolveu uma metodologia de educação de surdos que incluía datilologia (representação manual das letras do alfabeto), escrita e oralização, e criou uma escola de professores de surdos. (GOLDFELD, 1997, p. 25).

Como a autora Goldfeld enfatiza, o monge beneditino Ponce de Leon treinava a voz e a leitura labial e iniciou a educação através de gestos. Como, naquela época, os surdos eram excluídos do convívio social, os mosteiros se tornavam escolas e moradias.

Na França, em 1750, Abade Charles Michel de L'Epée foi o grande idealizador da Língua de Sinais, transformando sua casa em ambiente escolar e possibilitando assim o acesso ao ensino a todos os surdos, independentemente de condição econômica e social.

L'Epée se aproximou dos surdos que perambulavam pelas ruas de Paris, aprendeu com eles a língua de sinais e criou os “Sinais Metódicos”, uma combinação de língua de sinais com a gramática sinalizada francesa. O Abade teve imenso sucesso na educação de surdos e transformou sua casa em escola pública. Em poucos anos (de 1771 a 1785), sua escola passou a atender 75 alunos, número bastante elevado para a época. (GOLDFELD, 1997, p. 27).

Nesse mesmo período, na Alemanha, surgiram as ideias de Samuel Heinick, as quais formam hoje a filosofia educacional Oralista, como aborda Goldfeld:

Nessa mesma época, no ano de 1750, com as ideias de Samuel Heinick, na Alemanha, surgem as primeiras noções do que hoje constitui a filosofia educacional Oralista, filosofia que acredita ser o ensino da língua oral, e a rejeição à língua de sinais, a situação ideal para integrar o surdo na comunidade geral. (GOLDFELD, 1997, p. 26).

A teoria do oralismo de Heinick defende o uso da voz, contradizendo a teoria de L'Epée, que utiliza os sinais e gestos. Ao serem analisadas e julgadas pela comunidade científica quanto ao melhor método de ensino para as pessoas surdas, chegou-se à conclusão de que a teoria de L'Epée seria a mais adequada: o uso dos sinais e gestos.

Em 1815, o professor americano Thomas Hopkins Gallaudet viajou para Europa para compreender o método de ensino para os surdos. Ele encontrou, na Inglaterra, a família Braidwood, que utilizava a língua oral. Porém, a família não repassou como ensinavam. Já na França, encontrou o professor L'Epée, que explicou seu método de ensino.

Após dois anos estudando os Sinais Metódicos, Thomas retornou para os Estados Unidos, juntamente com o melhor aluno, Laurent Clerc, e fundaram a primeira escola para surdos. No ano de 1864, surge a primeira Universidade para surdos: Universidade Gallaudet.

1.3 Congresso de Milão

O marco mundial no contexto educacional dos Surdos ocorreu em 1880, com o Congresso de Milão em Itália. Através de discussão e votação, da qual participaram ouvintes, foi escolhido o Oralismo como meio de comunicação para os surdos, sem a interferência de qualquer sistema gestual. Dessa forma, foi banida a teoria de sinais. O autor Hugo Eiji enfatiza:

As oito resoluções ali decididas por educadores (sobretudo ouvintes) de diferentes países acenavam para a incontestável superioridade da língua oral como meio privilegiado de acesso ao conhecimento. E o oralismo puro, sem a interferência de qualquer sistema gestual, foi ratificado oficialmente, naquele momento, como a abordagem preferível em escolas e instituições para surdos. (EJI, 2011).

A votação e escolha teve maior adesão dos ouvintes, ou seja, a cultura e identidade ouvinte introduzida para os surdos. A partir do Congresso de Milão, todas as Entidades, Escolas, Associações, espaços que focavam o ensino para os surdos, a nível mundial, usariam o Oralismo.

1.4 Contexto Brasileiro

No Brasil, os primeiros registros de ensino para surdos aconteceram em 1855, quando o imperador D. Pedro II contratou o professor francês Hernest Huet para ensinar duas crianças, concedendo bolsa de estudo. Em 26 de setembro de 1857 foi fundado o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, atualmente Instituto Nacional de Educação dos Surdos, o INES.

Em 1970, estabeleceu-se a Comunicação Total, método da união do léxico da língua de sinais francês com a estrutura da língua francesa, adaptada para o modelo inglês. Na década seguinte, começou o Bilinguismo, teoria que defende a linguagem de sinais como língua materna natural dos surdos. Para o Bilinguismo, o surdo precisa ter contato com sua língua para depois ter contato com a língua do seu país.

Atualmente, em alguns países do mundo como a Venezuela, existe uma filosofia adotada oficial e obrigatoriamente em todas as escolas públicas para surdos (no caso, a filosofia Bilíngue), mas, como no Brasil a maioria dos países convive com estas diferentes visões sobre os surdos e sua educação, acreditando que a verdade única não existe e, portanto, todas as abordagens seriamente estudadas devem ter espaço (GOLDFELD, 1997, p. 31).

No Brasil, atualmente, o método de ensino adotado pode ser tanto o Oralismo quanto o Bilinguismo, sendo que a escolha por um dos métodos é do surdo. Em relação à cultura surda,

da qual faz parte a sua forma comunicação e expressão, destaca-se que o termo cultura possui vários significados, no entanto, quando se refere a pessoas, está relacionado à identidade, a características de um grupo de pessoas. É o que o Dicionário Michael destaca: “sistema de ideias, conhecimentos, técnicas e artefatos, de padrões de comportamento e atitudes que caracteriza uma determinada sociedade”.

Como meio de estabelecer a inclusão dos surdos na sociedade brasileira, foi criada a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. O Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002 e o art. 18 da Lei nº 10.098/2000, em seu artigo 2º, reforça que a pessoa surda compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Considerada como meio legal de comunicação e expressão, a Libras, e outros recursos de expressão a ela associados, é assim definida pela Lei nº 10.436/2002, em seu artigo 1º, parágrafo único:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Com essa lei, a partir de 2002, a Libras é reconhecida como língua e colocada no grupo das línguas do Brasil, sendo expressa através de gestos e sinais, da qual os surdos se utilizam para se comunicar com todos. Nesta lei, também destaca-se a responsabilidade do setor público e privado em apoiar o uso da Libras e divulgá-la. O sistema educacional, seja privado ou público, também deve exercer suas funções de incluir o surdo, assegurando o ensino educacional com métodos e processos voltados para o aprendizado do aluno surdo, ou seja, conhecer a cultura surda para assim promover o ensino e a aprendizagem.

De acordo com o que foi exposto anteriormente, cultura é a identidade de um grupo de pessoas, e, dessa forma, a cultura surda tem como característica a surdez. Pela sua origem no indivíduo, a surdez pode ser pré-lingual, perilingual ou pós-lingual, pois ela é determinada considerando-se o momento em que a perda aconteceu, podendo ser antes, durante ou após o desenvolvimento da linguagem. (DALLAN; MASCIA, 2010, p. 16).

Na cultura surda, existem cinco identidades. São elas: 1) identidade flutuante: vive e se manifesta de acordo com a cultura ouvinte; 2) identidade inconformada: não consegue captar a representação da identidade ouvinte, sentindo-se numa identidade subalterna; 3) identidade de

transição: o contato com outros surdos é tardio, sofrendo um conflito de culturas; 4) identidade híbrida: nasceram ouvintes e se ensurdeceram, tendo as duas línguas dependentes dos sinais e do pensamento da língua oral; 5) identidade surda: assumem que são surdos e demonstram suas capacidades como seres humanos. (VIDAL; MARCHESE, 2010, p.10)

As pessoas surdas têm características que são próprias delas: relacionam-se muito bem entre si; suas piadas e teatros abordam relacionamentos, educação e visão de mundo; possuem as cordas vocais, por isso emitem som, mais não conseguem ouvir; além disso, possuem olhar aguçado para identificar e reconhecer expressões faciais e corporais; falam através das mãos e gestos e aprendem a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e o Português (Língua oficial do Brasil).

Segue o alfabeto e os números em Libras.

Figura 1 – Alfabeto Manual Atual.



Fonte: FENEIS

Todas as pessoas podem aprender Libras, desde crianças, jovens ou adultos. Não existe regra para se comunicar com o surdo. As pessoas que atuam profissionalmente são chamados de intérpretes, já que traduzem os sinais e gestos para o surdo ou para o ouvinte. Os profissionais intérpretes em Libras estão amparados pela Lei nº 12.319 de 1º de setembro de 2010, que intitula e regulamenta a profissão e atribui a função.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Introdução

As três primeiras seções deste capítulo apresentam de forma detalhada a Língua de Sinais e a Escrita de Sinais: seus conceitos, entendimentos e a relação entre elas. As seções 2.5 e 2.6 tratam dos profissionais Tradutor e Intérprete de Libras: definição e regulamentação da profissão. Já a última seção aponta as habilidades, os saberes e práticas de cada uma dessas profissões.

2.2 Língua Brasileira de Sinais

No Brasil, a conquista maior para a comunidade surda foi a Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002, e o Decreto nº 5.626 de 2005. Cada artigo traz consigo a Libras como Língua, traz o direito de as pessoas surdas usarem a Libras, de poderem contar, nos diversos espaços da sociedade, principalmente o educacional, com uma profissional Intérprete de Libras, e de que seja uma disciplina obrigatória nos cursos de Licenciaturas.

[...] Através da língua nos constituímos plenamente como seres humanos, comunicamo-nos com nossos semelhantes, construímos nossas identidades e subjetividades, adquirimos e partilhamos informações que nos possibilitam compreender o mundo que nos cerca – e é nesse sentido que a linguagem ocupa “um papel essencial na organização das funções psicológicas superiores” (VYGOTSKY, 1984 apud GESSER, 2009, p. 77).

Como a autora Gesser ressalta, a comunicação é um direito humano, direito de desenvolvimento Universal, assim, a Lei agrega positivamente na vida das pessoas usuárias da Libras. Pessoas estas que não ouvem, mas que sentem, que têm vida e, principalmente, que não escolheram serem surdas, nasceram ou tiveram algum problema de saúde que ocasionou a perda auditiva, total ou parcial.

Toda Língua tem estrutura gramatical. Desse modo, a estrutura da Libras é evidenciada no sinal feito pela mão, pelo corpo e pelo rosto. Cada sinal tem um significado, e cada significado tem um significante.

A língua de sinais, como já vimos, tem uma gramática própria e se apresenta estruturada em todos os níveis, como as línguas orais: fonológico, morfológico, sintático e semântico. Além disso, podemos encontrar nela outras características: a

produtividade/criatividade, a flexibilidade, a descontinuidade e a arbitrariedade. (GESSER, 2009, p. 27).

A Libras tem níveis de estrutura do mesmo modo que a Língua Oral. Assim, a referida Lei e os estudos cada vez mais reafirmam a importância de se comunicar com o grupo de minoria no Brasil, que são os surdos. No próximo assunto será abordada a estrutura gramatical da Libras.

2.3 Escrita de Sinais – *SignWriting*

O Sistema *SignWriting* foi elaborado em 1974 por Valerie Sutton, que dirigia o Deaf Action Committee – DAC, uma organização sem fins lucrativos em La Jolla, Califórnia, nos Estados Unidos. O objetivo inicial dessa criação era fazer anotações de movimentos de dança, como destacam Aguiar e Chaibue (2015, p. 17).

No Brasil, a partir de 1996, estudou-se e pesquisou-se sobre a Escrita de Sinais, tendo como precursores a professora Dra. Marianne Rossi Stumpf, o professor Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa e a professora Márcia Campos - PUC-RS. O primeiro material em Escrita de Sinais, chamado “Uma Menina Chamada Kauana”, foi voltado para o público infantil. Com esses estudos, a Escrita de Sinais começou a ser conhecida no Brasil, como, por exemplo, os grafemas desse sistema.

Os grafemas da Escrita de Sinais são estruturados de acordo com as mãos, movimento, expressão facial e corpo. A Escrita de Sinais, assim com a Língua Brasileira de Sinais, apresenta a estrutura mínima de uma Língua Escrita. Como afirma Stumpf (2008, p.07), “a expressão facial e os movimentos do corpo são muito importantes para as línguas de sinais”.

Orientações e posições de mãos; Tipos de contatos; Configurações de mãos; Movimentos de dedos; Movimentos de braços e apontação (retos, curvos, flexões- rotação, circulares); Expressões faciais; Localizações de símbolos da cabeça; Movimentos de cabeça; Orientações de olhar; Movimentos de corpo; Símbolos de pontuações; Dinâmicas de movimentos. (STUMPF, 2008, p. 02).

Conforme Stumpf, a estrutura dos grafemas da Escrita de Sinais está associada à Língua sinalizada, apresentando toda a gramática da língua visual no papel. A estrutura fonológica é o estudo mínimo dos sinais expressos em grafema da Escrita. Como toda a escrita tem regras estruturais, a Escrita de Sinais – *SignWriting* também possui. Com práticas diárias, o desenvolvimento da Escrita acontece naturalmente.

As imagens abaixo mostram as orientações das mãos, as primeiras noções básicas da Escrita de Sinais:

Figura 2 – Grafemas de orientação das mãos.¹



Fonte: Página CESAD – ORBI (Ambiente de trabalho) ^{1*}

Figura 3 – Grafemas de orientação das mãos.

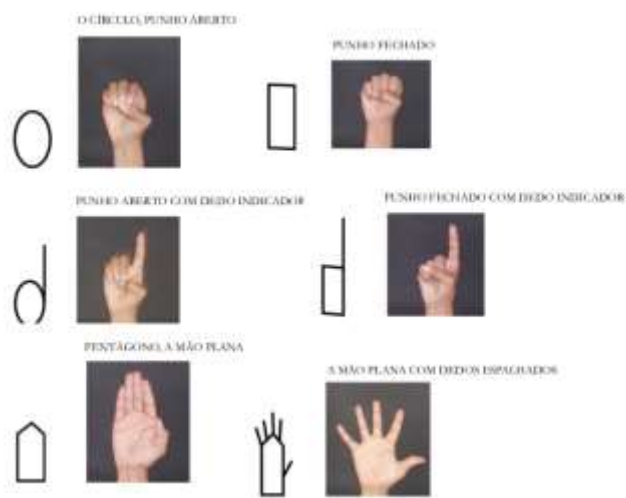


Fonte: Página CESAD – ORBI (Ambiente de trabalho) ^{1*}

¹ Disponível em:

<http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalago/13250328042015Lingua_Brasileira_de_Sinais_Libras_Aula_4.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

Figura 4 – Grafemas de orientação das mãos.



Fonte: Página CESAD – ORBI (Ambiente de trabalho) ¹

Figura 5 – Grafemas de orientação das mãos.

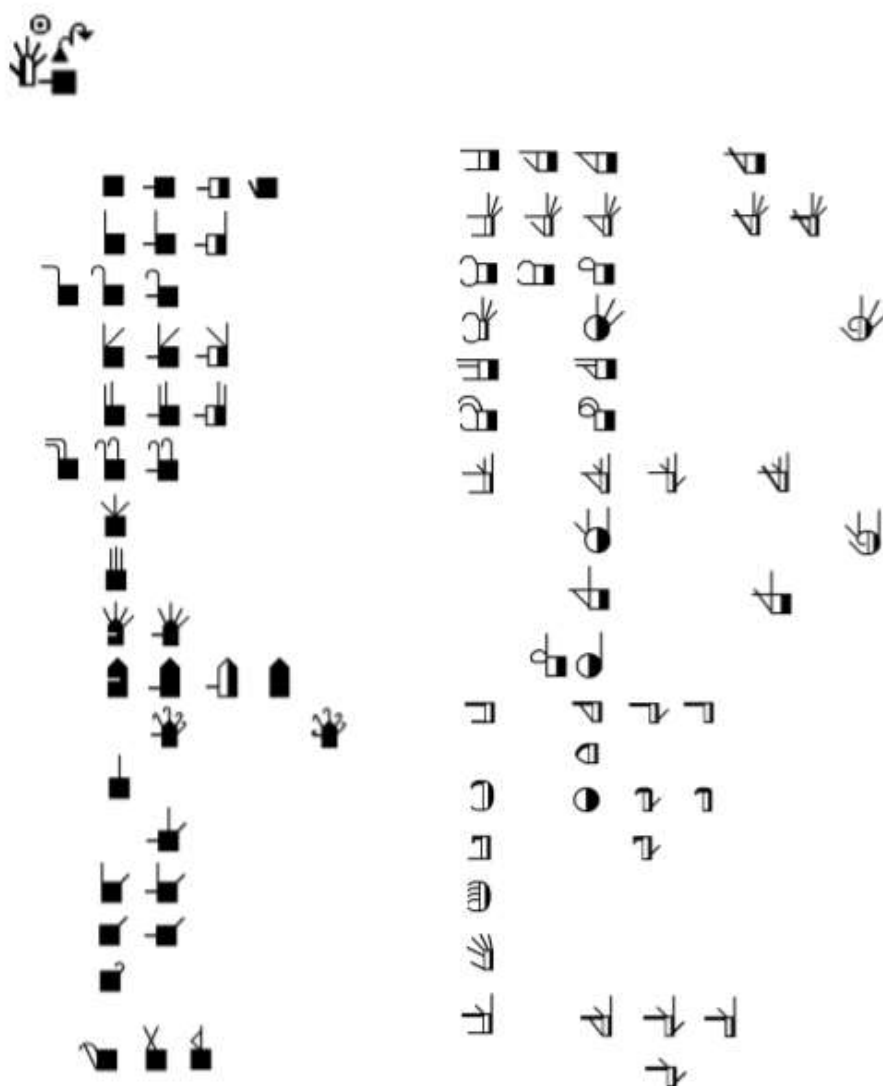


Fonte: Página CESAD – ORBI (Ambiente de trabalho) ¹

A compreensão do grafema de orientação da mão é uma das primeiras regras para se entender a direção, cor e estrutura do grafema, visando a Escrita de Sinais. Isso facilita o entendimento da configuração de mão, movimentos, orientação, localização, que são estruturas da fonologia da Língua de Sinais.

Na sequência, são expostos os grafemas da Escrita de Sinais. Essas informações foram retiradas da Coleção UFSC Letras Libras, material da disciplina de Escrita de Sinais ministrada pela professora Marianne Rossi Stumpf.

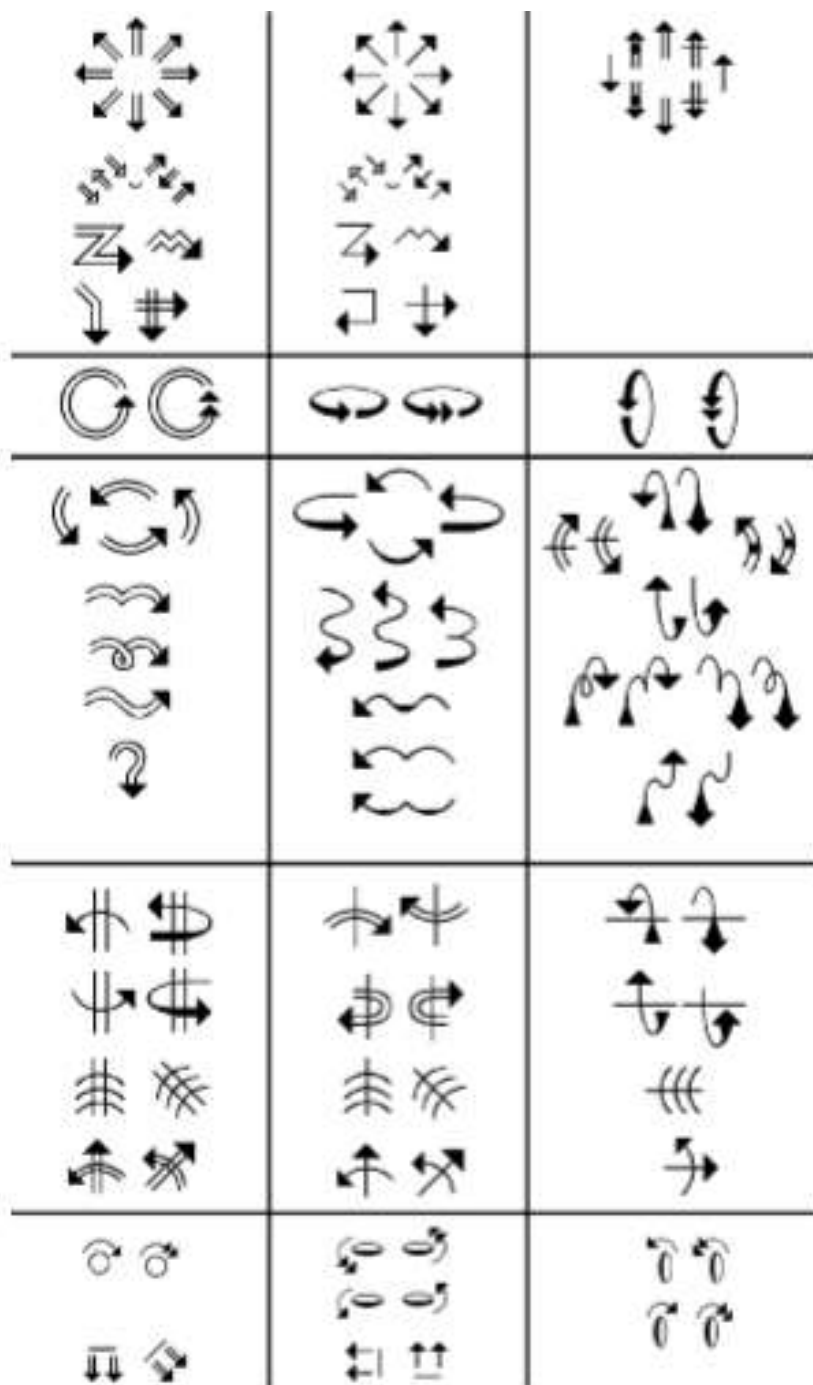
Figura 6 – Configurações de mãos.



Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras²

²Disponível em: < <https://ead2.moodle.ufsc.br/course/view.php?id=3047> >. Acesso em: 05 set. 2018.

Figura 7 – Movimentos.



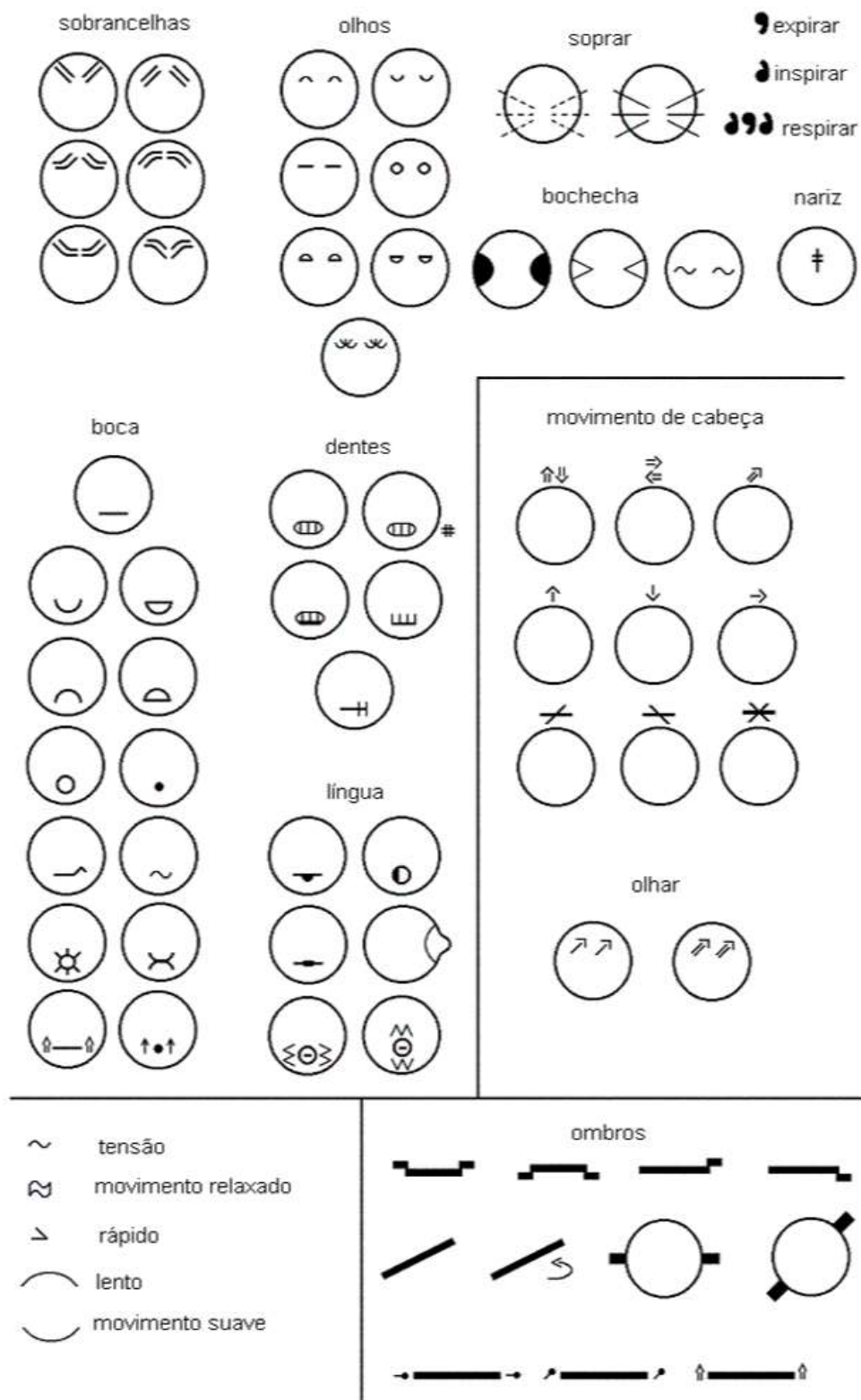
Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras ²

Figura 8 – Movimentos. ²

* contato		cabeça
⊙ escovar		uma parte de face
⊗ esfregar		olhos
# bater		nariz
+ pegar		boca
* entre		orelha
● articulação média fecha		pescoço
○ articulação média abre		cabelo
✓ articulação proximal fecha (flexiona)		atrás da cabeça
^ articulação proximal abre (estende)		os ombros e a cintura
∩ articulação proximal abre-fecha		movimento da mão direita
≋ articulações proximais alternadas		movimento da mão esquerda
≋ flexão alternada dos dedos no nível das articulações		movimento das mãos juntas
≋ extensão alternada dos dedos no nível das articulações		
∪ linha de simultaneidade		
∩ linhas de movimento alternado		
∩ movimento consecutivo		









Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 9 – Movimentos.

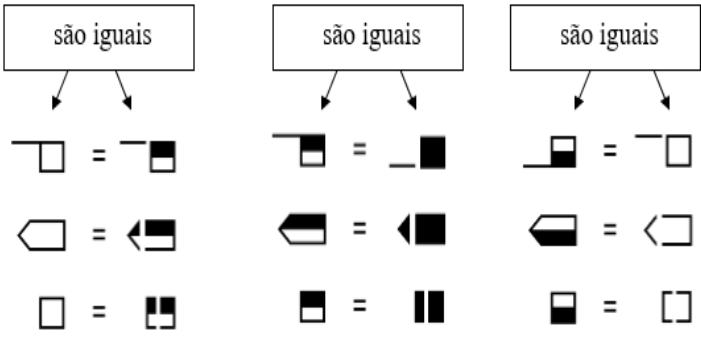


Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 10 – Símbolos de pontuações.

Símbolos de Pontuações:  		Final da sentença (.)		Parênteses ()
		Pausa normal (pausa curta)		Aspas (" ")
		Símbolo colocado no final de uma pergunta (?)		
		Parecido com o ponto-vírgula (;)		

Quando a mão aponta para os lados, se pode escrever o símbolo que a representa desde dois pontos de vista. Isto significa que há duas **maneiras** de escrever **a mesma configuração**.



Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 11 – Expressão facial: sobrancelhas.

Expressão Facial: Sobrancelhas



Sobrancelhas para baixo



Sobrancelhas para cima

Sobrancelhas para cima,
lado de dentro



Sobrancelhas para cima,
lado de fora

Sobrancelhas para baixo,
lado de fora



Sobrancelhas para baixo,
lado de dentro

Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 12 – Expressão facial: boca.

Expressão Facial: Boca



Boca reta, fechada



Triste aberta



Sorriso fechado



Boca aberta



Triste fechada



Beijo



Metade sorriso,
metade reta



Boca tensa



Lábios sugados

Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 13 – Expressão facial: dentes.



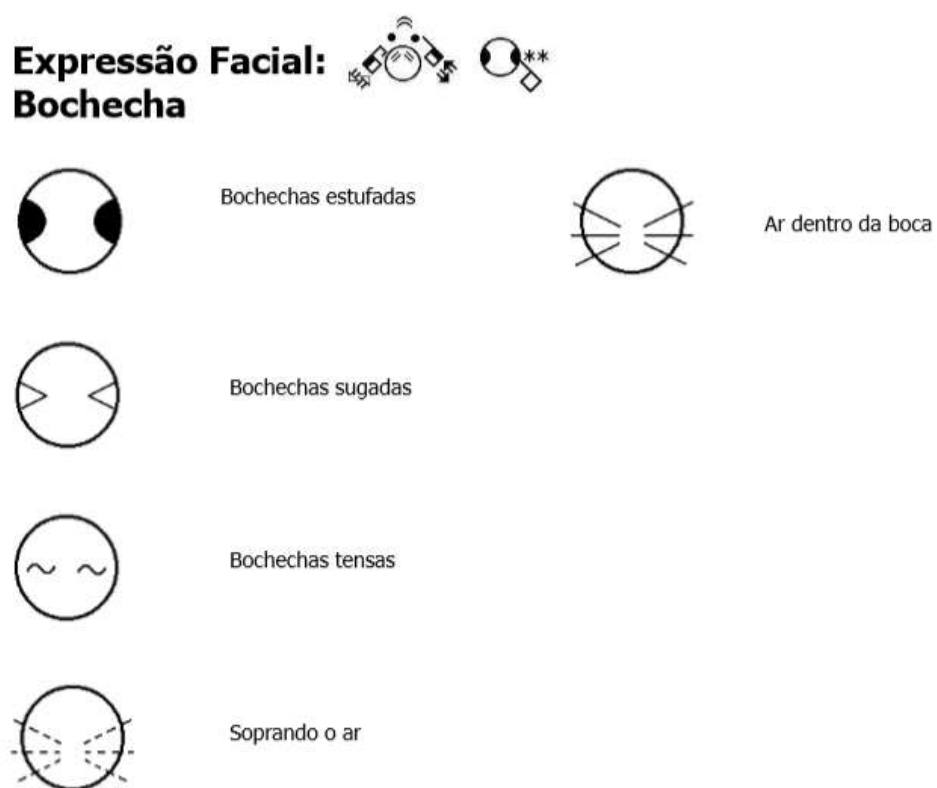
Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 14 – Expressão facial: língua.



Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 15 – Expressão facial: bochecha.



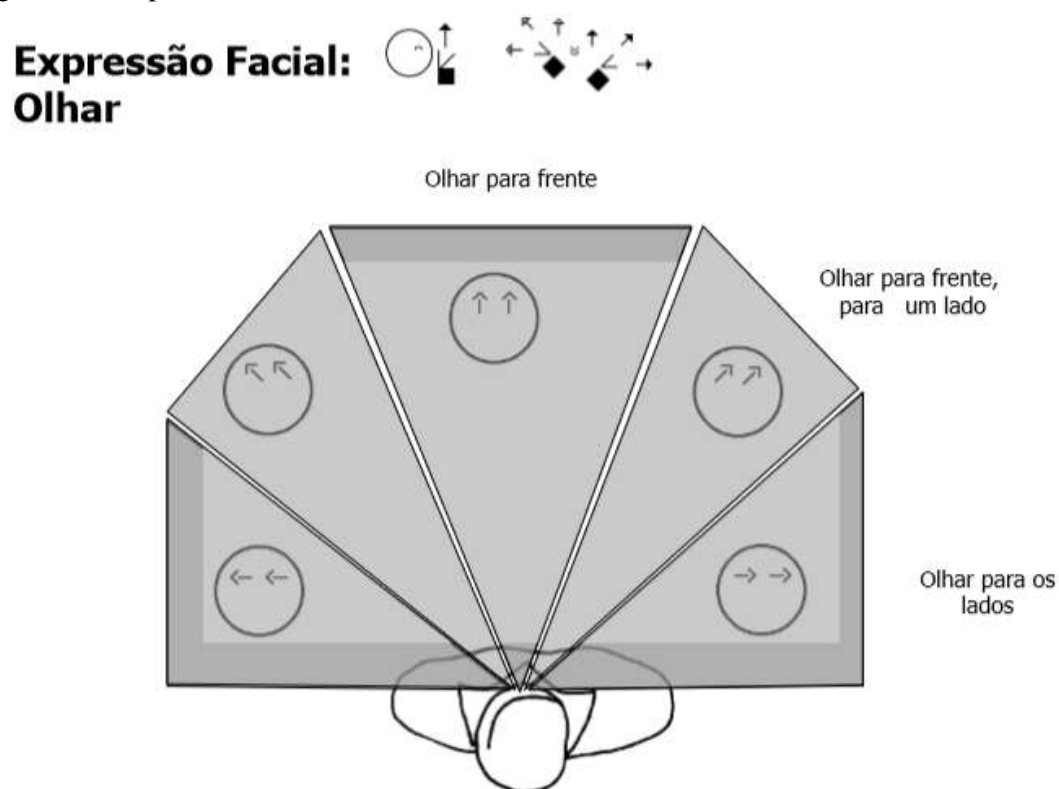
Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 16 – Expressão facial: olhos.



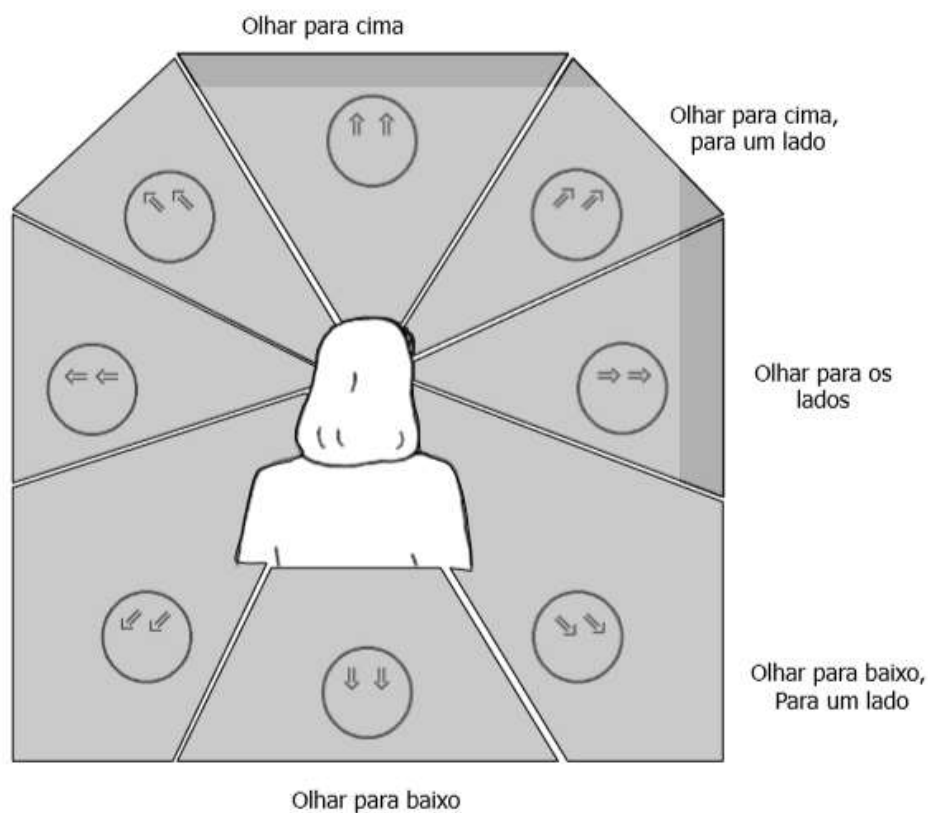
Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 17 – Expressão facial: olhar.



Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 18 – Expressão facial: olhar.



Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 19 – Expressão facial: nariz.

Expressão Facial: Nariz



Nariz



Toque na ponta do
nariz



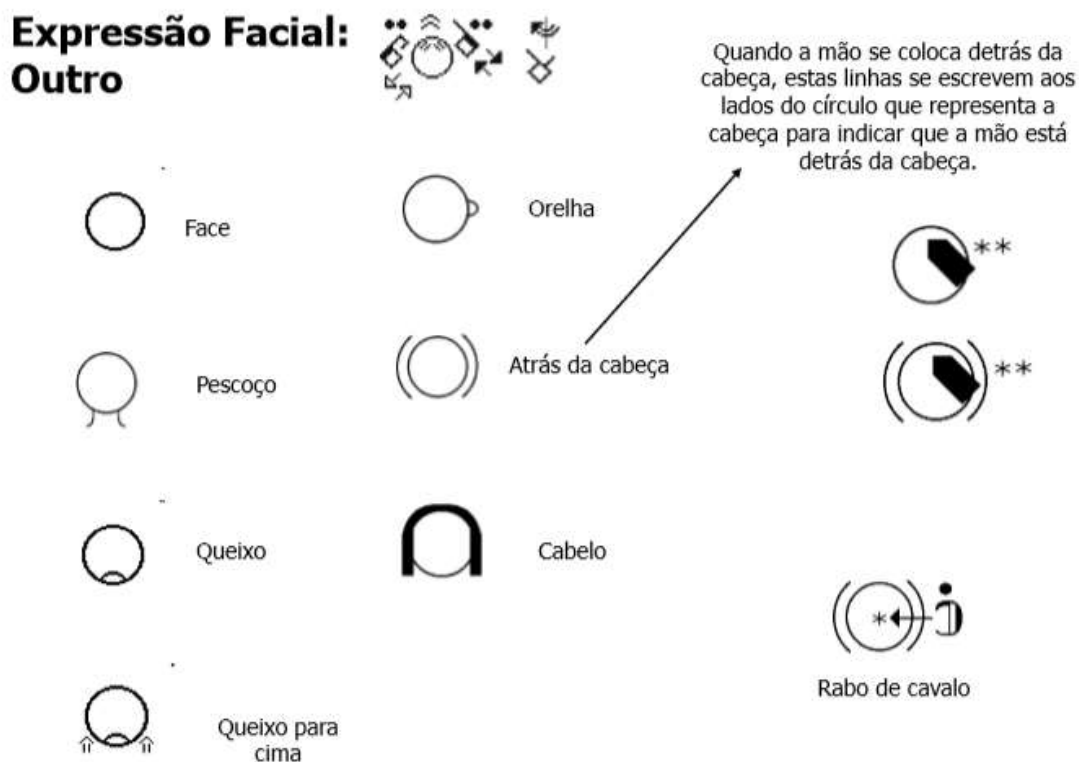
Nariz Franzido



Nariz se mexe

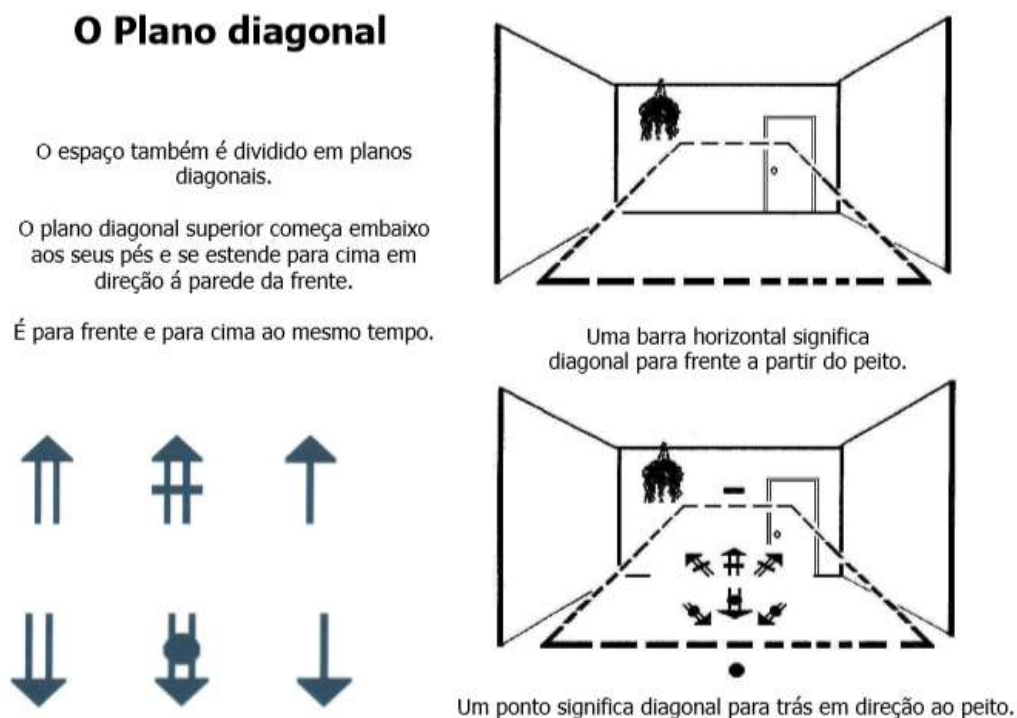
Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 20 – Expressão facial: outro.



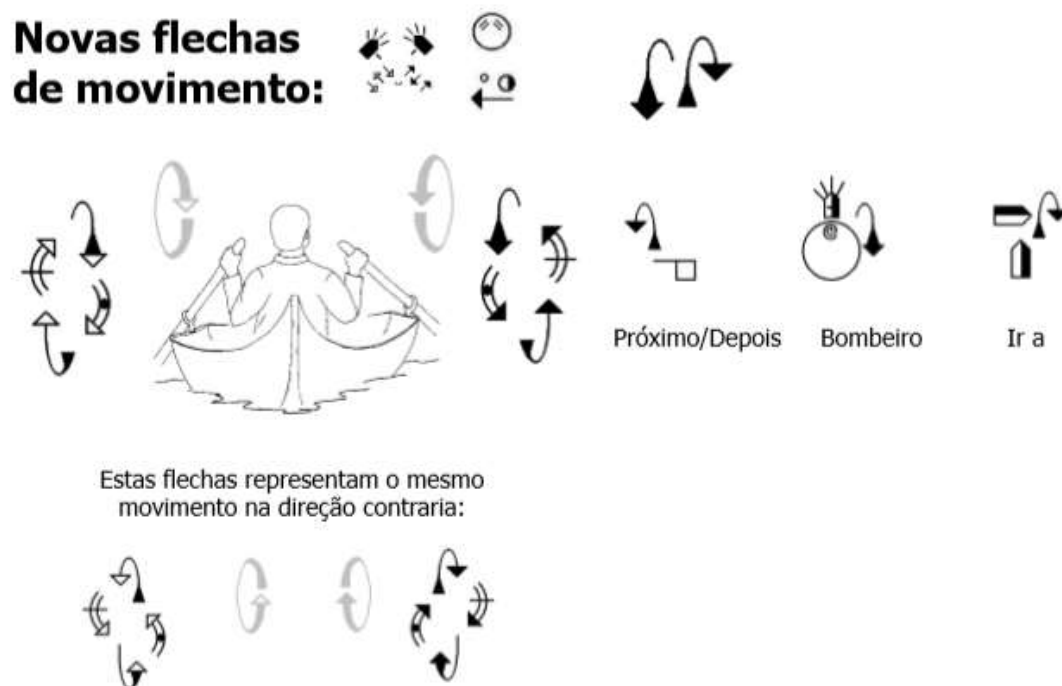
Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 21 – Espaço: plano diagonal.



Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 22 – Novas flechas de movimento.



Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 23 – Novas flechas de movimento.

Novas flechas de movimento:



Qualquer tipo de movimento pode ser escrito, completo ou simplificado. Estas flechas descrevem movimentos parecidos aos que já vimos.

Movimentos paralelos a parede de frente:



Movimentos paralelos ao chão:

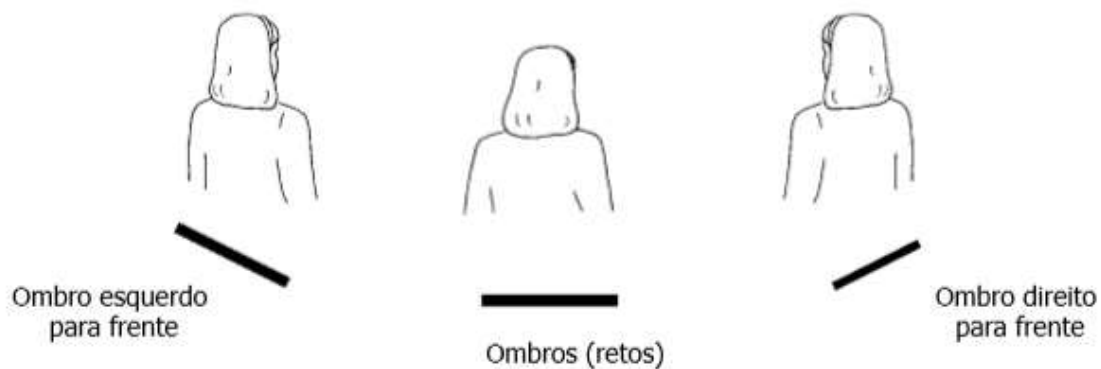


Movimentos paralelos a parede de lado:



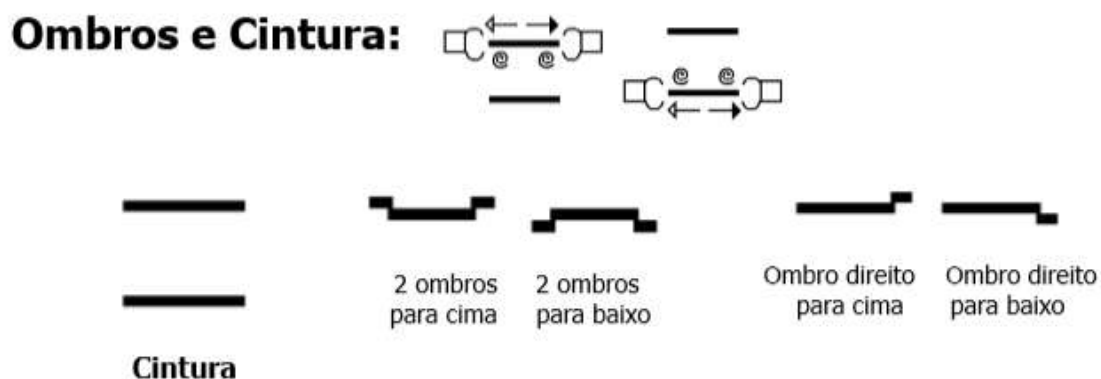
Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 24 – Em relação ao corpo.



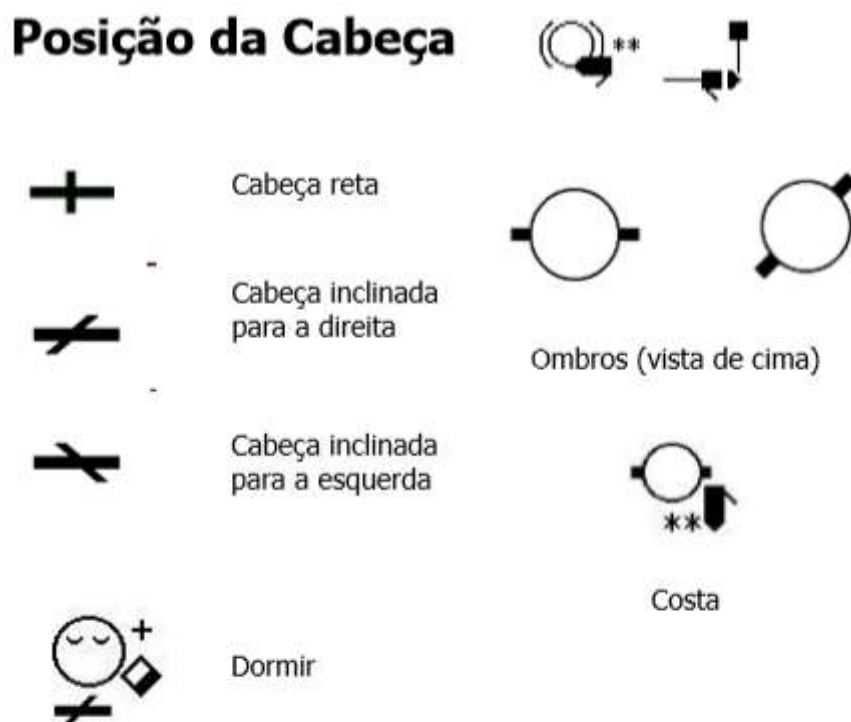
Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 25 – Ombros e cintura.



Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Figura 26 – Posição da cabeça.



Fonte: Página Moodle Ead UFSC Letras Libras. ²

Os grafemas apresentam unidades gestuais coesas com a Língua Visual, expressões manuais ou não manuais.

Os linguistas que trabalham com a escrita de língua de sinais, pelo sistema *SignWriting* o consideram como um sistema de escritura mista, majoritariamente fonográfico, do ponto de vista interno, mas possuindo uma leitura “ideográfica” de um ponto de vista externo. (STUMPF, 2008, p. 04)

De acordo com Stumpf, a compressão e entendimento na escrita são iguais aos da Língua Visual. Porém, antes de aprender a escrita, é preciso aprender a Libras, usando as mãos, rosto e corpo.

2.4 Relação da Língua e Escrita de Sinais

A regulamentação da Libras, pela Lei nº. 10.436 de 24 de abril de 2002, determina Língua de Sinais Brasileira – Libras como sendo a segunda Língua Oficial no Brasil. Essa lei enfatiza ainda que o sistema linguístico visuoespacial possui estrutura gramatical própria, a partir do que se pode inferir que Libras não é Português brasileiro sinalizado.

A relação da Língua com a Escrita de Sinais vai além da comunicação, envolve a cultura, a identidade do povo expressa em grafemas, configurando-se em registro por muitos e muitos anos.

2.5 Tradutor de Libras

A profissão de tradutor está consolidada, no Brasil, há pouco tempo, porém, o conceito de tradução é amplamente difundido há muitos e muitos anos.

Logo, a tradução é necessária porque os seres humanos falam diferentes línguas e também porque ela está presente em diferentes situações e pode variar, por exemplo, entre homem e mulher, criança e adulto, entre classes sociais diferentes ou ainda na linguagem gestual. (QUADROS; STUMPF; PEREIRA; 2008, p. 04-05).

A tradução consiste em apresentar os valores das pessoas, seja na tradução educacional, religiosa, jurídica, entre outros que foram e serão traduzidos.

Do exposto acima, podemos afirmar, em concordância com Susan Bassnett, que a tradução não é somente a transferência de textos de uma língua para outra – ela é hoje corretamente vista como um processo de negociação entre textos e entre culturas, um processo em que ocorrem todos os tipos de transações mediadas pela figura do tradutor (2003: 9). Essa mesma ideia vai ser enfatizada por Umberto Eco quando ele assevera: “uma tradução não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas, ou duas enciclopédias. Um tradutor não deve levar em conta somente as regras estritamente linguísticas, mas também os elementos culturais, no sentido mais amplo do termo” (2007: 190). E podemos ampliar as afirmações dizendo que o mesmo vale para quando temos casos de tradução na mesma língua e entre sistemas semióticos diferentes, mas sobre isso vamos falar a seguir. (QUADROS; STUMPF; PEREIRA; 2008, p. 06-07)

Através da tradução, o profissional também mostra a linguística da Língua, os aspectos culturais e sociais de um tempo, modo de se vestir, modo de compreender o mundo, ações que permeiam a vida das pessoas num determinado período do tempo, da história.

2.6 Intérprete de Libras

No Brasil, a profissão do Intérprete ainda é legalmente nova, mas a atuação é muito antiga. Os primeiros intérpretes eram membros da família e membros de religiões. Os membros da família atuavam no cotidiano, devido à necessidade de entendimento no lar. Nos espaços religiosos, atuavam para ensinar a palavra de Deus para os surdos, mostrar a fé.

A atuação no espaço religioso iniciou por volta dos anos 80. Os intérpretes advindos desse espaço para a educação tinham em si o mesmo intuito de “ajudar” o surdo, caracterizando assim, um desconhecimento da função do intérprete, impossibilitando, muitas vezes, de ver o surdo com um cliente que recebe o serviço. (AMPESSAN; GUIMARAES; LUCHI, 2013, p. 12).

Com os Planos Nacionais de Educação e a Lei sobre os Direitos Humanos, os surdos começaram a estudar e frequentar os ambientes escolares. Nesses espaços, os profissionais e os alunos não sabiam a Língua de Sinais, fato que trouxe à tona a atuação do profissional intérprete de Sinais.

A partir dessa demanda, por serem na época os únicos que sabiam se comunicar com os surdos, os voluntários, religiosos, amigos e familiares dos mesmos, passaram a adentrar no espaço educacional. (AMPESSAN; GUIMARAES; LUCHI, 2013, p.13).

Do espaço cotidiano ou religioso, passaram para o espaço educacional. Dentro do espaço educacional, mais especificamente na sala de aula, havia a presença das duas Línguas, a Língua Portuguesa (oral) e a Língua Brasileira de Sinais (visuoespacial). Devido ao não conhecimento da Libras por parte dos demais alunos e professores, a interação ficava só entre o intérprete e o aluno surdo, como destaca:

Primeiramente, o fator linguístico dos surdos. Numa sala de aula com o intérprete de Libras, duas línguas são pronunciadas simultaneamente, a língua portuguesa pelo professor ouvinte e a LIBRAS pelo intérprete, e o que ocorre na língua silenciosa (LIBRAS) é que muitas vezes (e maioria das vezes) o assunto fica entre o intérprete e o aluno surdo. (AMPESSAN; GUIMARAES; LUCHI, 2013, p. 13).

Assim, demonstra-se a importância de se saber a Libras, pois, além de troca de conhecimento, há a inclusão do aluno surdo durante as aulas e nos demais espaços. A interação no grupo de alunos da turma é um fator enriquecedor de saberes e aprendizagem. Por serem da mesma idade, por brincarem juntos, por estarem no mesmo espaço, por serem agentes da transformação da sociedade, a comunicação entre os componentes do grupo é relevante. É como consta na Lei:

[...] Afirmar que o surdo precisa de intérprete em espaços institucionais em que as pessoas não falam a sua língua já é um direito reconhecido pela Lei nº 10.436, aprovada em 24 de abril de 2002. Então, escolas, universidades, repartições públicas, tribunais, hospitais etc. devem atender essa população específica assegurando-lhe o seu direito linguístico de poder ser assistido em sua própria língua. [...] (GESSER, 2009, p. 47).

Conforme diversos estudos, a interpretação possui duas modalidades: a modalidade consecutiva e a modalidade simultânea.

A modalidade consecutiva é aquela em que o intérprete escuta um longo trecho de discurso, toma notas e, após a conclusão de um trecho significativo ou do discurso inteiro, assume a palavra e repete todo o discurso na língua-alvo, normalmente a sua língua materna. (PAGURA, 2003, p. 211).

Deste modo, na modalidade consecutiva, a pessoa que irá interpretar ouve um trecho e na sequência interpreta. A Língua Fonte é ouvida e na sequência é passada para a Língua Alvo.

A modalidade simultânea [...] Nessa modalidade, os intérpretes – sempre em duplas – trabalham isolados numa cabine com vidro, de forma a permitir a visão do orador e recebem o discurso por meio de fones de ouvido. Ao processar a mensagem, reexpressam-na na língua de chegada por meio de um microfone ligado a um sistema de som que leva sua fala até os ouvintes, por meio de fones de ouvido ou receptores semelhantes a rádios portáteis. [...] (PAGURA, 2009, p. 211).

Na simultânea, modalidade em que se trabalha em duplas, os intérpretes ouvem e interpretam, tendo pouco tempo para pensar na escolha lexical. A mensagem ouvida é rápida e é preciso relacioná-la ao contexto visual para sinalizar. Essa modalidade é comum no espaço educacional, religioso, palestras, saúde, entre outros setores.

2.7 Habilidades, saberes e práticas dos profissionais

Em cidades afastadas dos grandes centros, ainda hoje, a discussão e formação sobre habilidades, saberes e práticas torna-se problemática. Se a intérprete não tem formação em curso de Licenciatura, poderá ter dificuldades para interpretar simultaneamente teorias de Paulo Freire ou Piaget, por exemplo, que são autores de referência na educação. Nesse caso, a escolha lexical dessa intérprete não será condizente com a escolha lexical feita por uma intérprete que tem a formação referida. Logo, saberes linguísticos (fluência na Língua Portuguesa e Libras), saberes discursivos, saberes disciplinares e saberes pedagógicos são a base dos profissionais: intérprete e tradutor.

Na área da interpretação, verifica-se a importância de práticas como:

Administram o tempo/discurso no papel de intérprete, como interlocutor (recebem a informação) e como locutor (enunciam em outra língua); Reportam ao professor a condição de participação do aluno surdo nas atividades desenvolvidas em sala de aula; Incentivam o aluno surdo a participar das aulas expondo suas dúvidas e opinião; Explicam ao aluno surdo normas interativas, os papéis de diferentes agentes em atividades educacional; Complementam informações, orientam os alunos surdos com relação às atividades em classe e extraclasse; Procuram trabalhar colaborativamente com os professores.[...] entre professor e intérprete educacional é possível assegurar que questões linguísticas e metodológicas sejam consideradas no planejamento e aplicação, garantindo que, de certa forma sejam pensados no interior da escola uma pedagogia visual que contribua para a construção de conceitos pelo aluno surdo. (ALBRES, 2015 p. 95).

As práticas estão associadas ao cotidiano, estão presentes na atuação do intérprete como agente que motiva o surdo, que mostra que o surdo tem capacidade cognitiva, que o inclui no grupo de ouvintes e que apresenta, para a comunidade escolar e para a sociedade, o surdo como agente de opinião e ação.

[...] O TILS ainda atua diretamente da desconstrução da patologia da surdez e do surdo com deficiência, importante enfatizar que o TILS não revela a deficiência e sim a diferença linguística e cultural da pessoa Surda. [...] (QUADROS; STUMPF; LEITE, 2014, p. 199).

O trabalho do intérprete de Libras também é mostrar que o surdo não tem uma deficiência, que a surdez não pode ser vista como uma patologia. A interação no cotidiano é responsável por mostrar que, se há comunicação, acontece a inclusão do surdo.

3 A PESQUISA

3.1 Desenvolvimento

A pesquisa concentra-se na metodologia de estudo de caso de caráter qualitativo. As primeiras ações foram de estudo bibliográfico, buscando alcançar os objetivos geral e específicos. Na sequência, partiu-se para a pesquisa aplicada, a fim de resolver o problema e verificar a confirmação ou não da hipótese de que a Escrita de Sinais pode contribuir para o profissional na atuação da Tradução e Interpretação de Libras.

O trabalho classifica-se como pesquisa exploratória, pois, de acordo com Gil (2002, p. 41), “pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”, construindo assim a análise e investigação a partir do problema de pesquisa.

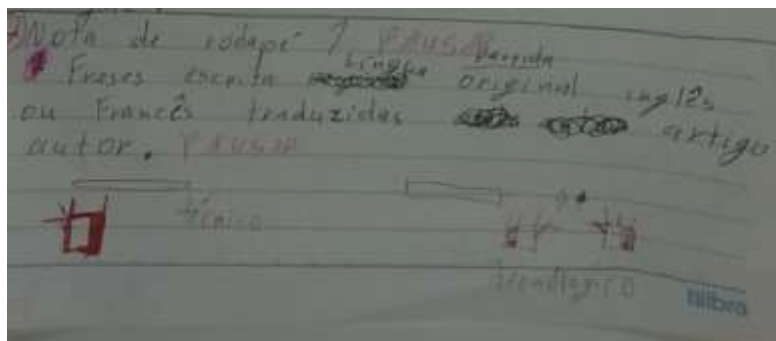
3.2 Metodologia e materiais pesquisados

A pesquisa está organizada em cinco etapas. A primeira etapa é a revisão bibliográfica dos conceitos: concepção histórica do sujeito surdo, Congresso de Milão, história do sujeito surdo no Brasil, Língua Brasileira de Sinais, Escrita de Sinais – *SignWriting*, relação da Língua e Escrita de Sinais, Tradução de Libras, Tradução e Interpretação de Libras e habilidades, saberes e práticas dos profissionais.

Na segunda etapa, tem-se a coleta dos materiais impressos usados na tradução e interpretação. A tradução do Português para Libras ocorreu no curso de graduação em Letras Libras Bacharelado (2014-2018), na disciplina de Estágio da Tradução, quando foi traduzido o artigo “A Interpretação de Conferências: Interfaces com a Tradução Escrita e Implicações para a Formação de Intérprete e Tradutores”. A organização do estágio de seu em grupo, assim, todos os membros leram o artigo. Durante a gravação, cada membro foi responsável por uma parte do artigo.

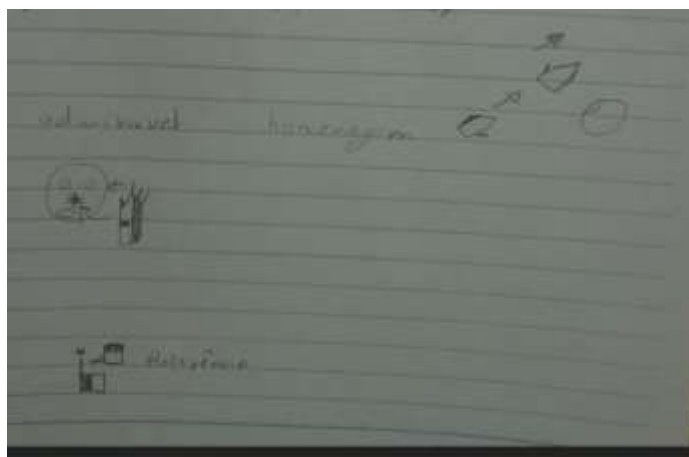
As partes selecionadas para este estudo de caso foram as citações diretas, título, nota de rodapé, resumo, palavras-chave, introdução e conclusão. Em cada item, foi necessário o estudo e a compreensão da palavra, da frase no contexto, com coesão e coerência. Depois, traduziu-se para a Língua Brasileira de Sinais, dando atenção especial à coesão e à coerência. Como muitos sinais eram específicos, durante a pesquisa, foram sendo anotados no papel em Escrita, para memorizar e lembrar, como mostram as imagens a seguir:

Figura 27 - Os grafemas em sinais.



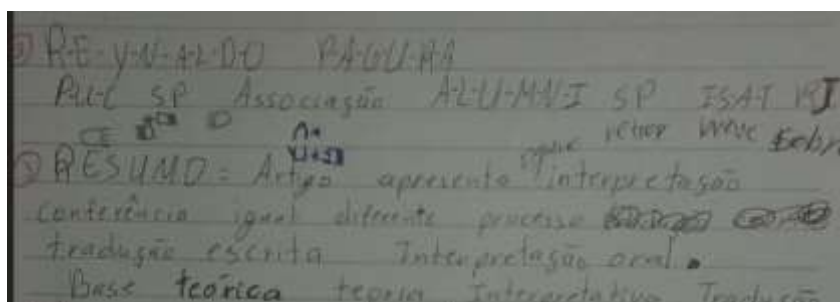
Fonte: A autora (2018).

Figura 28 - Os grafemas em sinais: admirável, homenagem e referência.



Fonte: A autora (2018).

Figura 29 - Os grafemas em sinais: resumo e artigo.



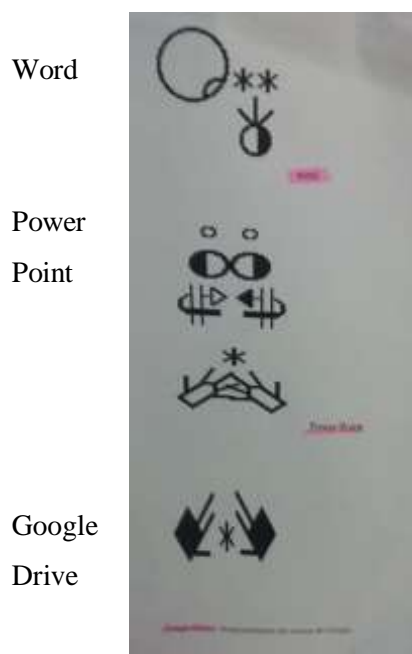
Fonte: A autora (2018).

A interpretação em Libras aconteceu no ambiente educacional, em dois ambientes diferentes: associação de surdos e palestra. Na Associação de Surdos, a atividade vinculou-se à execução do projeto de extensão, referente ao edital nº 09/2017 do Instituto Federal Catarinense

– Campus Concórdia, intitulado “Curso de Atualização em informática para escritório para os alunos da Associação de Pais e Amigos dos Surdos (APAS) do município de Concórdia – SC”. O projeto foi desenvolvido por dois professores formados em Ciência da Computação do IFC – Campus Concórdia. A interpretação ficou sob a responsabilidade da intérprete também do IFC – Campus de Concórdia. A programação do curso abordou os seguintes assuntos: Introdução ao conjunto de sinais específicos da área de Informática; Operação básica de computadores e conceitos introdutórios à internet e serviços em nuvem; Operação de processadores de texto: Microsoft Word, OpenOffice Writer e Documentos do Google; Operação de planilhas eletrônicas: Microsoft Excel, OpenOffice Calc e Planilhas do Google; Operação de editores de apresentação de slides: Microsoft PowerPoint, OpenOffice Draw e a utilização do Google software gratuito.

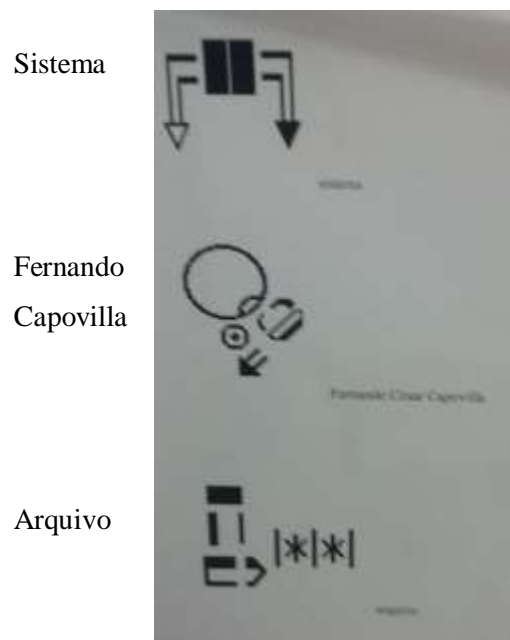
A interpretação foi simultânea, por isso, as aulas foram preparadas com antecedência pelos professores e a intérprete. O estudo dos sinais específicos também foi realizado através de sites, redes sociais, dicionários impressos e *on-line*. Durante a interpretação, como lembrete, os sinais foram registrados em grafemas da Escrita de Sinais, como é mostrado abaixo:

Figura 30 – Grafemas das palavras *Word*, *Power Point* e *Google Drive*.



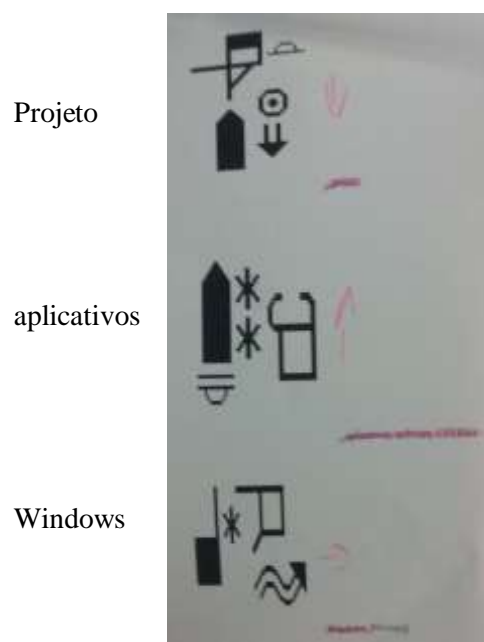
Fonte: A autora (2018).

Figura 31 – Grafemas das palavras sistema, Fernando Capovilla e arquivo.



Fonte: A autora (2018).

Figura 32 – Grafemas das palavras projeto, aplicativos, Windows.



Fonte: A autora (2018).

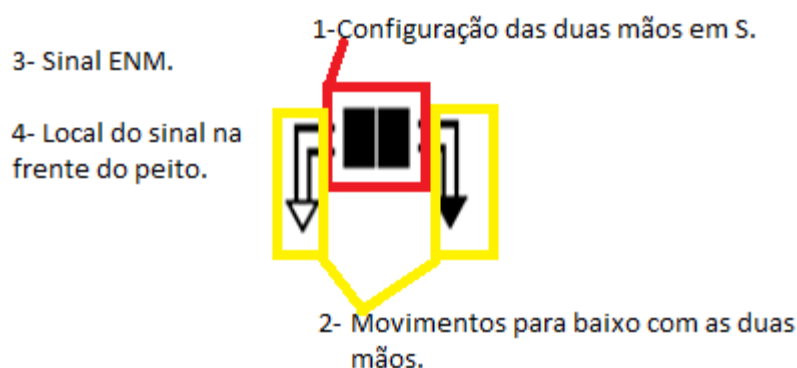
Os grafemas foram impressos para que, durante a interpretação simultânea, a intérprete pudesse olhar rapidamente e lembrar do sinal.

Na terceira etapa da pesquisa, realizou-se a comparação, a partir dos materiais usados e feitos pela autora deste trabalho, para rever os grafemas dos sinais usados. Na quarta etapa, analisou-se se é possível a Escrita de Sinais contribuir para a fixação dos sinais e, desse modo, tornar-se uma ferramenta que contribui para o cotidiano dos profissionais. Na quinta e última etapa, apresentam-se as considerações finais da pesquisa.

4 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados dos materiais já impressos e grafados, para memorização dos sinais, mostra a coerência do sinal sinalizada e escrito, dentro da tradução e interpretação, pois os grafemas auxiliaram na memorização, na gramática e na Linguística dos sinais. Também, a estrutura fonológica, Configurações manuais (CM), Locação - Ponto de contato (PC), Ponto de articulação (PA), Movimentos (M), Orientação da Palma (OP) e as Expressões não manuais (ENM), contribuiu para a comunicação, conforme destacado na figura abaixo, em que aparece o sinal grafado da palavra 'sistema':

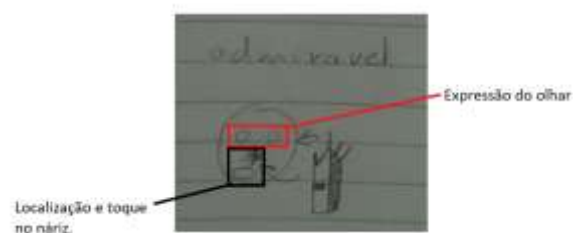
Figura 33 – Sinal grafado de sistema.



Fonte: A autora (2018).

Como toda a escrita, as regras fonológicas se fizeram presentes na figura 33, como esta a seguir, de Quadros e Kanopp (2004, p. 51).

Figura 34 – Sinal grafado admirável



Fonte: A autora (2018).



Fonte: (<https://www.youtube.com/watch?v=2-IqFihiUL0>)

A expressão do olhar e a localização do sinal estão claramente colocados, o grafema



, representa a expressão dos olhos abertos, ressaltando fonética do sinal. As autoras, Quadros e Karnopp, abordam, em seu livro, a dificuldade de ilustrar, transcrever e traduzir o sinal utilizando foto. Por mais que todos são profissionais e dominam a Libras, os recursos são trabalhosos e minuciosos, como destaca:

Vale destacar que fotos também apresentam suas limitações. O movimento, a mudança da expressão facial e a mudança na direção do olhar são exemplos de informações que se perdem. Mesmo assim, selecionou-se essa a melhor forma de apresentação no livro, buscando garantir todas essas informações intrínsecas aos sinais através de outros recursos gráficos. É necessário confessar que, mesmo consideradas as suas limitações, esse trabalho imenso valeu a pena. (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 38).

O trabalho de fotografar a pessoa realizando o sinal e fazer a transcrição, torna um trabalho muito demorado. Já dentro do grafema de sinais, ou seja, da Escrita de Sinais, esse processo é rápido e fácil, basta entender as regras gramaticais da Escrita de Sinais e reproduzir. Também está disponível e gratuito o *Sign Puddle Online*, um dicionário online, em que a consulta pode ser realizada por sinal, por palavra, entre outras ferramentas de consultas, as quais contribuem para encontrar os sinais ou criar o sinal.

Martin (2001 apud BARRETO; BARRETO, 2015, p. 62) destaca que “um sistema de escrita é uma notação para representar a estrutura da língua”. Além disso, “é utilizado por uma comunidade linguística com o propósito de comunicar e relembrar o entendimento que se tem acerca de algum evento linguístico (uma conversação, um poema, uma aula, uma lista de compras, etc.)”.

Portanto, verifica-se que a Escrita de Sinais contribui para produções de livros, jornais, entre outros meios que agregam saberes. Como opção para pesquisa e consulta da Escrita de Sinais, tem-se o dicionário *Sign Puddle Online*, que é uma ferramenta com credibilidade, pois enfatiza a estrutura gramatical da Libras, é de fácil compreensão e contribui para pesquisa, impressão e consulta rápida de sinais, auxiliando na interpretação simultânea ou consecutiva. Na tradução, o grafema ao lado da palavra contribui na memorização e compreensão do sinal, mostrando a estrutura oral e de sinais.

As duas profissões, tradutor e intérprete, como mencionado anteriormente, são diferentes. A tradução, por ter como característica a possibilidade de se rever e estudar as terminologias antes de traduzir, pode ser feita manualmente no texto que irá traduzir.

A Escrita de Sinais agrega para as profissões de tradutor e de intérprete, compreensão da fonologia da Libras, a memorização e marcação do grafema. Na tradução ao rever a Escrita de Sinais lembrará do sinal e do contexto. Na interpretação, rever o grafema lembra do sinal e da fonologia deste sinal. Na interpretação simultânea, seja da aula, curso, palestra entre outros, o grafema de sinal impresso contribui para lembrar do sinal e como ele é sinalizado.

Na atuação final, o tradutor e o intérprete de Libras sempre terão um glossário, pois em cada atividade realizada construirá grafemas e os seus significados. Assim, cada atividade estará registrada, possibilitando a consulta posterior pelos usuários da Libras ou ouvintes, como mostra-se nos anexos deste projeto.

CONCLUSÃO

Pela observação dos aspectos analisados, a hipótese foi confirmada, uma vez que a Escrita de Sinais contribui para o Tradutor e Intérprete de Libras, na marcação e memorização devido ao fato de que o grafema de sinais tem a estrutura Linguística da Libras, o que foi verificado neste projeto através da análise dos parâmetros fonológicos, que são os estudos mínimos da Libras, Configurações manuais (CM), Locação - Ponto de contato (PC), Ponto de articulação (PA), Movimentos (M), Orientação da Palma (OP) e as Expressões não manuais (ENM).

Assim, o tradutor e o intérprete de Libras, no final de cada atividade realizada, terão um glossário dos grafemas de sinais, que contribuirá para o processo de ensino e aprendizagem da Libras em escrita. Também, construirão materiais visuais e grafados no papel, que podem ser utilizados sem a necessidade de internet ou aparelho eletrônico. No aspecto lúdico, estarão contribuindo para o próprio desenvolvimento cognitivo, pois, além de pensar e realizar através das mãos, estarão fazendo no papel, usando lápis, borracha, caneta, lápis de cor, entre outros materiais escolares, enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Thiago Cardoso; CHAIBUE, Karime. Histórico das Escritas de Línguas de Sinais. **Revista Virtual de Cultura Surda**, Centro Virtual de Cultura Surda, n. 15, mar. 2015. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes>. Acesso em: 20 out 2017.
- ALBRES, Neiva de Aquino. **Afetividade e subjetividade na interpretação educacional**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019. 160p.
- ALBRES, Neiva de Aquino. **Intérprete Educacional**: políticas e práticas em sala de aula inclusiva. São Paulo: Harmonia, 2015. 144p.
- AMPESSAN, João Paulo; GUIMARAES, Juliana Sousa Pereira; LUCHI, Marcos. **Intérpretes Educacionais de Libras**: orientações para a prática profissional. Florianópolis: DIOESC, 2013. 96p.
- BARBOSA, Eva dos Reis Araújo. **No mundo da Libras**. 2013. Disponível em: <<http://nomundodalibras.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 21 set. 2018.
- BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de Sinais sem mistérios**. 2. ed. Salvador: Edição do Autor, 2015.
- BRASIL. Lei nº. 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **DOU**, Brasília/DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 20 set. 2018.
- DALLAN, Maria Salomé Soares; MASCIA, Márcia A. A. A escrita de Libras (SignWriting): um novo olhar para o desenvolvimento linguístico do aluno surdo e para a formação do professor de línguas. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS, 3., 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de Taubaté, 2010, p. 1-15. Disponível em: <http://escritades.dominiotemporario.com/doc/III_CLAFPL.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2013.
- EIJI, Hugo. **Cultura surda**: Congresso de Milão. 2011. Disponível em: <<http://culturasurda.net/congresso-de-milao/>>. Acesso em: 17 set. 2018.
- GESSER, Audrei. **Libras**: que língua é essa? São Paulo: Parábola, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- PAGURA, Reynaldo. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **D.E.L.T.A.**, PUC-SP, n. 19, volume especial, p. 209-236, 2003.
- QUADROS, Ronice Muller de; STUMPF, Marianne Rossi; LEITE, Tarcísio de Arantes; (orgs). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I**. Série Estudos de Língua de Sinais. v. 1. Florianópolis: Insular. 2013. 232p.

QUADROS, Ronice Muller de; STUMPF, Marianne Rossi; LEITE, Tarcísio de Arantes; (orgs). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais II**. Série Estudos de Língua de Sinais. v. 2. Florianópolis: Insular. 2014. 248p.

QUADROS, Ronice Muller de; STUMPF, Marianne Rossi; PEREIRA, Alice T. Cybis; (orgs.) **Coleção Letras Libras: eixo Formação Básica – Introdução aos Estudos de Tradução**. Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em:
<<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/introducaoAosEstudosDeTraducao/scos/navpaths/indexnavpath1.html>>. Acesso em: 07 out. 2018.

STUMPF, Marianne Rossi. **Escrita de Sinais I**. Material da disciplina. Disponível em:
<https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/64741/mod_resource/content/1/Escrita_I_Texto-base_FINAL.pdf>.

STUMPF, Marianne Rossi. **Escrita de Sinais II**. Material da disciplina. Disponível em:
<https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/70997/mod_resource/content/1/Lib_Escrita2_Cam%5B1%5D.pdf>.

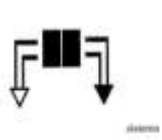
STUMPF, Marianne Rossi. **Escrita de Sinais III**. Material da disciplina. Disponível em:
<https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/95910//contemod_resourcent/1/TEXTTO_BASE_ELSIII.pdf>.

SUTTON, Valerie. **Sign Bank**. Dicionário Brasil. Center for Sutton Movement Writing. La Jolla, CA, 2015. Disponível em:
<<http://www.signbank.org/signpuddle2.0/latest.php?total=19>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

VIDAL, Dione Estrela. e MARCHESE, Maria Leticia, org. **Possibilidade de Interação com a cultura surda**. Universidade Tuiuti, Curitiba, Paraná. 2010.

ANEXOS

ANEXO A – FIGURAS



desenho



Fernando César Capovilla



BRUNO



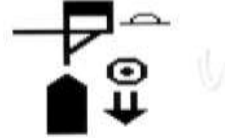
BRUNO



BRUNO FELIX



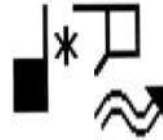
BRUNO FELIX / Apresentação em tela de Google



projeto



aplicativos, software, UFERSA



Windows, Microsoft

6) Introdução:

Passado antiguidade já ~~tem~~ profissão tradutores intérpretes, mas confundidos. Tradutores trabalham palavra escrita intérprete palavra falada."

1) Começo livre União Europeia nome inglês abeiro. ^{dentro} Informadores candidatos curso formação intérpretes objetivo ~~para~~ profissional União Europeia maior mundo pessoa profissão ~~de~~ intérpretes tradutores ~~em~~ trabalho.

Embora duas profissões diferentes ainda confusão profissão "intérprete tradutor".

Brasil confusão acontecer porque Lei 5692/77 também conhecida Lei mudança ensino dentro formação "intérprete tradutores".

Formação vários tipos cursos técnicos, cursos livres e tecnológico, mas alguns ^{curso} ~~curso~~ médio cursos. Proposta não condiz, mas não discutir artigo agora.

Não pode dúvidas interpretação simultânea ~~interpretação~~ consecutiva dentro processo tradução, significa pensar o que?

Nota de rodapé 1 PAUSA

1) Frases escrita ^{língua} ~~original~~ original inglês ou francês traduzidas ~~em~~ ~~em~~ artigo autor. PAUSA





técnico



tecnológico

liberal

Referência  admirável  ~~LCSS = C~~

Segundo DA-NICA perceber interpretação
& processo pessoa interprete melhorado
profissão. ~~Motivado~~ Mulher homenageada
motivação professor GRA-VI-ER mostrando
caminho, estudo depois ~~começa~~ escrever.

~~DA-NICA ideia, expressão, escrever~~
DA-NICA apresentou ^{profissional} organizado = primeira
trabalho pesquisa depois trabalho desenvolver
grupos - ~~viver~~ ~~professores~~ melhorar ~~em~~
profissão estudo ~~em~~ superior.

(L-EDERER ^{junto} ISRAEL ano 1990
pag 300 ate 301)

Pag 218 - 219 (parte da Sim)

admirável

homenagem



Referência

111

① Interpretação Conferências: ^{Mais implicações:}
 Relação Tradução escrita ^{envolvimento} formação ^{to}
 Interprete tradutores • ^{formação}

② RE-VOLUÇÃO PAOLU-RA
 PUC SP Associação ALU-MNI SP ISAT RJ

③ RESUMO: Artigo ^{que vem WWC sobre} apresenta interpretação
 Conferência igual diferente processo ~~tradução~~ ~~escrita~~
 tradução escrita Interpretação oral.
 Base teórica teoria Interpretativa Tradução
^{desenvolvida} Escola Superior Interprete Tradutores
 ESIT ^{Universidade Paris III, nome francês}

~~Polissemia~~. ~~Trabalho de metodologia~~
 Trabalho mostrar semelhança teórica
 dois processos diferente diferente.
 Continuando discute formação tradutores
 Interpretes Operacionalização d dois
 processos.

④ Palavras Chave: Tradução; Interpretação;
 Teoria Interpretativa Tradução;
 Formação Tradutores Interpretes.

⑤ Artigo adaptação ^{ampliação} ~~assuntos~~
 parecidos publicados revista ^{link} C-L-A-R-I-T-A-S
 PUC SP BRAZ-TEOL NEWS-LETTER, lausor
^{história interpretação} mesa redonda autor participava
 II GIAT ~~2001~~ 2001 UNI-BE-RO SP.
 NETA 1º. ano